

# SOBRE ENGINE

ENTREVISTA COM  
ALEJANDRO TOMÁS RODRIGUEZ\* & ROBIN GENTIEN\*\*

por Chavannes Procopio Péclat\*\*\*  
Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena  
Universidade Estadual de Campinas

*Tradução/transcrição: Chavannes Péclat e Andressa Aycha Rodrigues Carollo.  
Agradecimento especial a Lloyd Bricken pela revisão do texto na língua inglesa.*

**RESUMO:** A entrevista com os artistas Alejandro Tomás Rodriguez e Robin Gentien – ambos antigos membros da equipe do *Open Program* do *Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards* – compõe parte da dissertação de mestrado *O Canto como Linguagem: escavações de encontros com o Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards e Adjacências*, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Neste depoimento, realizado em abril de 2016 em Buenos Aires, os artistas falam sobre diversos aspectos de seu trabalho, no que diz respeito à criação de *Engine*. Trata-se de um importante material para contribuir com as reflexões de artistas e pesquisadores que buscam entender o movimento de continuidade do legado deixado por Jerzy Grotowski, levado adiante pelos seus principais colaboradores, Thomas Richards e Mario Biagini, e desdobrado por artistas como Alejandro Rodriguez e Robin Gentien, que tiveram sua formação artística constituída neste contexto.

**Palavras-chave:** Processo Criativo; Performance; Música e Cena.

**ABSTRACT:** The interview with artists Alejandro Tomás Rodriguez e Robin Gentien, two members of *Open Program* of *Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards* – compose part of master's dissertation *O Canto como Linguagem: escavações de encontros com o Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards e Adjacências*, in process in *Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena* of *Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP*. In this testimony, held in April 2016 in Buenos Aires, the artists talk about several aspects of their work of creation of *Engine*. It's a important material to contibute with reflexions of interested artists and researchers who search understand the continuity moviment of Jerzy Grtowski legacy, continued by its main collaborators, Thomas Richards and Mario Biagini, and developed by artists such as Alejandro Rodriguez and Robin Gentien, that had their artistic training constituted in this context.

**Keywords:** Creative Process; Performance; Music and Scene.



Robin Gentien e Alejandro Tomás Rodríguez em cena de *Engine*. Foto: William Ferro.

Conforme escrito no programa da performance: *Engine* é um concerto de refinadas e violentas guitarras: elétricas, clássicas e acústicas, e um tropical *ukulele*, cavalgadas pelas vozes de dois atores/músicos. A performance está situada entre um evento musical e teatral e é composta por doze canções originais, criadas por Alejandro Tomás Rodríguez (Argentina) e Robin Gentien (França), e cantos tradicionais de Trinidad e Tobago e Colômbia. Através das canções, as guitarras se entrelaçam sem se preocupar com gênero: o coração deste trabalho musical mora na necessidade de dar vida ao fluxo que emerge das

vozes cantantes, sejam elas Rock, Pop, Rap, Blues, Funk, Samba ou Flamenco. Com uma dinâmica roqueira e potentes quebras teatrais, o concerto narra de forma poética a história de um antigo dispositivo que flutua invisível sobre os céus do mundo.

Da história de um anjo nascido em Jerusalém a uma denúncia contundente sobre a intolerância racial que extermina o outro. Lorca, Apollinaire, o Leviatã, campos eletromagnéticos, Laputa de Jonathan Swift<sup>1</sup>, ladrões que morrem na madrugada como pássaros, se mesclam criando

sentidos inesperados, no grito de *Don't forget what you are looking for! Somebody is knocking at your door!* (Não se esqueça de o que estás buscando! Alguém está batendo na sua porta!). *Engine*, a máquina sempre invisível, dita o ritmo do concerto. Eles a invocam com suas canções...

**Chavannes Péclat:** Certo! Claro, eu poderia estar fazendo um monte de outras perguntas que agora tenho em mente, já que esse trabalho é muito interessante e realmente faz sentido para mim. No entanto, uma vez que chegamos a esta pausa, eu gostaria de fazer uma última pergunta. Na verdade, eu gostaria de fazer a vocês uma dupla pergunta: Estou muito curioso sobre os desdobramentos das atividades de pessoas que estiveram trabalhando no *Workcenter*. Então com isso em mente, eu gostaria de perguntar sobre *Engine*, porque, do meu ponto de vista, de alguém que nunca havia visto pessoas que tiveram uma experiência no *Workcenter* e que continuam performando, continuam se perguntando sobre o que fazer, continuam fazendo algo artisticamente, após deixarem as atividades que acontecem em Pontedera. Como você me explicou, *Engine* pode ser chamada de *banda*, mas não é somente um dueto musical. O que eu quero dizer é: se alguém olhar cuidadosamente, com atenção especial, essa pessoa pode achar algumas sementes do trabalho em que vocês dois estiveram envolvidos no passado, não? Então, vocês poderiam dar uma

ideia do que seja *Engine*? Como vocês trabalham em tal contexto? Resumidamente, poderiam me descrever *Engine*?

**Robin Gentien:** *Engine* é uma criatura estranha, porque ainda não está muito claro o que ela é. Mesmo que já a tenhamos apresentado muitas vezes, ela está ainda começando a definir sua forma. Quero dizer, *Engine* já alcançou um nível artesanal que é muito honesto e nós podemos nos apresentar, sem sombra de dúvida, mesmo que, na verdade, ainda estejamos no processo daquilo que *Engine* é e pode ser. É verdade que há em *Engine* algo único, e parte disso vem do fato de Alejandro e eu termos desenvolvido nosso ofício durante o período que passamos no *Workcenter*. No entanto, eu, na verdade, cheguei a este tipo de trabalho do *Workcenter* vindo da perspectiva e ofício de um *músico*. Já Alejandro, ele veio de uma perspectiva de ator e performer. Assim, penso que isso é algo interessante, que ocorre entre nós. Bem, como dizer?... Se eu estivesse criando uma banda hoje sem Alejandro não seria nada parecida com *Engine*: a forma de trabalhar seria muito diferente, e a forma com a qual Alejandro está criando um (outro) trabalho com teatro atualmente, aqui em Buenos Aires, é bem diferente da abordagem de *Engine*. De alguma forma, na estrutura que é *Engine*, ele e eu achamos algo que é profundamente complementar, onde nossos dois mundos podem se encontrar e que nos direciona

juntos para muitas possibilidades diferentes. Por exemplo, de um lado *Engine* pode ser um show de música, explorando diversas possibilidades de encenar uma performance musical. Um bom exemplo disso seria um show do Queen, ou do Prince, ou a excelente encenação de *Stop Making Sense* do Talking Heads. Quando se está tocando música, no entanto, isso se torna algo que se pode assistir e participar, por simples prazer. Existe outra possibilidade similar e tem algo a ver com esse encontro entre música e atuação, embora de alguma forma em seus lados opostos: quando você ouve Paco de Lucia, por exemplo, ou quando você ouve Janis Joplin, essas pessoas estão fazendo música e, de certa forma, realmente fazendo algo. E isso não tem nada a ver com um *show*, no sentido de que eles não estão tocando para mostrar ou dizer “Ei! Olha, nós estamos fazendo algo super legal!” ou até “Agora eu estou sentindo isso ou aquilo”. Tem algo a ver com a possibilidade de tocar música como se se estivesse tateando alguma outra coisa, seja algo fora ou dentro de você. Como se *música* fosse uma substância que devesse realmente aparecer. Eu gosto de usar a expressão *fazer música* como se disséssemos que algo *faz sentido*. O que me trouxe para o tipo de trabalho que é desenvolvido no *Workcenter*, e isso eu continuo a fazer com Alejandro, é algo que eu reconheço quando estou tocando, e, de fato, realmente fazendo música. Algo que esteja me maravilhando, algo maior, como se tocar música

não fosse algo apenas *legal*, mas, ao contrário, algo profundamente importante.

Voltando à questão, *Engine* é algo quase que artesanal e isso para mim é interessante. Nós estávamos fazendo um tour pela Europa e, em algumas noites, havia muitas pessoas dançando, pessoas que nunca haviam ouvido falar de nós, um grupo de estudantes. De alguma forma foi muito interessante – desde que não estávamos performando *Engine* como um show ou uma festa que alguém possa dizer “Sim, vamos lá! Vamos dançar!”. Para nós, estávamos simplesmente fazendo nosso trabalho, muito simples: dois caras com dois violões, dois pedaços de madeira. Nós fazemos com o coração e tentamos fazer muito bem, então talvez você possa ter essa imagem de dois homens trabalhando numa pequena oficina, embora, então, você ande um pouco para traz e veja que a pequena oficina é, na verdade, o coração de uma gigante máquina voadora, ou algo assim.

**Alejandro Rodriguez:** Você sabe, dizer que estamos fazendo uma *pesquisa* é algo banal hoje em dia, é um clichê, até certo ponto. Qualquer criação é uma investigação. Atualmente, todo grupo de teatro é um grupo de pesquisa. Mas, de qualquer forma, eu acho que a origem do que *Engine* é agora, e o que pode se tornar, vem de uma pesquisa verdadeira. Não há garantia. Não há nenhum plano, como “Se nós quisermos

chegar neste resultado temos que fazer isso e isso”. Robin e eu estamos tentando derrubar *pré-conceitos* de como as coisas deveriam ser. Estamos questionando, em vez disso, nossas ideias do que funciona e do que não funciona. Uma pergunta válida para nós é: *O que significa tocar junto? O que isso faz?* Na criação de nossas músicas, foi muito básico e simples, como “Ei, olhe o que eu fiz!”, e o outro poderia dizer “Estou vendo. Então talvez isso possa ir com esse elemento ou esta harmonia?”. Deste modo, nós continuamos a chegar em algo difícil de definir. Quando as pessoas nos perguntam sobre qual tipo de música nós fazemos, não podemos responder rapidamente porque nós realmente não sabemos! Nós não estamos tentando estabelecer aqui algum tipo de atmosfera, como: “Sabe, nós não sabemos ao certo, é algo tão especial que não podemos definir”, e fingir ser estranho, ou para mostrar que estamos passando por algum processo criativo muito denso. De fato, isso ocorre apenas porque o que nós fazemos não é rock, folk, e nem flamenco ou música Latina. Como Robin disse, é um show: duas pessoas cantando e tocando, dizendo poesias, e contando um tipo de história, fazendo perguntas às pessoas que estão presentes.

Uma coisa que sempre temos em mente é “Como essa música pode *groovar*?” ou “Como podemos *groovar* dentro desta música?” Falo *groove* pensando na terminologia musical, mas no

campo da atuação nós, provavelmente, diríamos *fluir*. E então perguntamos: *Como podemos encontrar, tocando juntos, esse fluxo de vida? Como podemos encontrar, através dos sons desses violões e do canto, algo que possa circular entre nós e através de nós?*

Nós dizíamos para nós mesmos, desde o começo: “Não vamos fingir nada, vamos apenas estar no palco, cantando em pé, e vamos ver as pessoas e falar com elas”. Simples. “Vamos descobrir sobre o que essa *Engine* é”. Uma de nossas músicas diz “A Máquina flutua, mas o barco afunda, e por um momento no começo, quando tudo isso começou. Quando tudo isso começou? Você se lembra?” Nós gostamos de jogar essas perguntas e ver as reações das pessoas. E, ao mesmo tempo, perguntar isso a nós mesmos.

Nós aceitamos algumas convenções, como essa convenção de show... mas nós estamos tocando também com outra pessoa! E esse outro pode estar contando uma história, jogando com figurinos, objetos, luzes e cenografia.

Nós estamos explorando uma forma que, descobrimos, por agora. O trabalho em si, na melhor das hipóteses, vai nos levar a algo completamente desconhecido. Isto é exatamente o que queremos! Ir para algum lugar que não conhecemos para explorar uma forma que não

conhecemos, de inventar algo que nem Robin nem Alejandro poderiam inventar sozinhos.

**Robin Gentien:** Existe algo interessante sob a forma de um concerto, em comparação com a performance teatral, algo quase político. Quando estamos no palco e Alejandro diz alguma coisa para as pessoas – “Todo mundo sabe o que todo mundo está procurando, não se esqueça!” – essa frase possui um impacto diferente do de um ator dizendo o mesmo enunciado em uma peça. No teatro, de alguma maneira, esse enunciado poderia ser entendido como se tratando da fala de uma *personagem*, e então o público diria “Ah, sim, isso é muito interessante, não é mesmo?”. No entanto, durante um concerto, uma vez que é claro que é Alejandro quem está falando diretamente para o público, há algo que pode atravessar e realmente trazer perguntas. Ainda há pouco, como estávamos dizendo, não sabemos o que *Engine* é. O concerto é muito bem estruturado e não há uma grande quantidade de improvisação, apesar dos solos de guitarra. No entanto, é muito diferente a cada noite, às vezes é como uma performance de música de câmara, ou uma espécie de espetáculo, em que todos podem assistir e desfrutar sentados. Por vezes, pode ser realmente como um show, onde as pessoas dançam loucamente. Lembro-me de um dia, que ocorreu neste estado de dança. Alejandro lançava algumas questões ao público, de um

modo gentil, não à procura de uma resposta. Era mais como uma proposta, e as pessoas ficaram bastante surpresas. Um aspecto importante é que não estávamos fazendo perguntas, porque pensávamos que sabíamos as respostas.

É quase como uma situação oposta, como no filme *O sentido da Vida*, do Monty Python, você conhece esse filme? No final dele, há uma pequena sequência de um comercial de TV, em que uma mulher surge explicando o significado da vida sob a forma de uma receita... É hilário, absurdo e excelente. Quando as pessoas chegam a um concerto, elas querem se divertir e beber um pouco. Não é que nós queremos quebrar essa onda com um monte de perguntas. Não. O público realmente se diverte nesses encontros e nós realmente tentamos tocar com o nosso melhor. Assim, todo mundo se diverte e há também todo este aspecto de uma performance. No entanto, entre tudo isso, tanto para nós, quanto para aqueles que estiverem nos ouvindo, existe um pequeno sino soando: “Ei pessoal, tudo está muito bom e divertido e vocês podem dançar, mas lembrem-se, a música está falando sobre isto”.

Às vezes, pessoas vêm até nós e dizem que o show foi muito divertido. Na verdade, isso aconteceu na Itália, a palavra que usaram foi *divertente*. Falando etimologicamente, *divertente* é alguma coisa que o coloca distante da vertente;

de um tipo de força ascendente. O filósofo Pascal, certa vez, disse que o *divertissement* cristaliza a dor da humanidade, a falta de significado, ou melhor, impede o homem de ver esta falta, a sua verdadeira condição. É realmente muito interessante quando as pessoas se aproximam de nós e dizem esse tipo de coisa, como “era *molto divertente*”. É uma espécie de enunciado doloroso e irônico de ouvir! Obviamente, estou ciente de que as pessoas usam a palavra em um sentido mais comum. Elas não querem dizer que estamos preenchendo o vazio. Ou talvez queiram, e isso é uma coisa honesta. Por outro lado, trata-se de um bom ponto para mostrar o que *Engine* não é. Nós não estamos tentando fazer alguma coisa *divertente*, como uma *diversão*. No entanto, cuidado! Não estamos tentando convencer os outros, ou mesmo criar uma *conversão*. Não viemos de uma perspectiva dogmática ou religiosa, mesmo que a nossa língua, a linguagem da poesia, muitas vezes tenha aludido a tais conversões.

De qualquer forma, existe neste sentido, algo através do qual entendo que a performance pode ser uma ferramenta para atingir um aspecto mais amplo, do que apenas produzir entretenimento ou um modo de ganhar a vida. Dentre essas possibilidades, existe ainda a de realizar encontros verdadeiros entre as pessoas. E o que pode surgir através desse encontro diz respeito, para mim, a um evento político, conforme a capacidade da

política de levantar questões simultâneas, de fazer algo e coexistir em uma multidão de indivíduos. Através do vislumbre de um encontro potencial, eu vejo uma oportunidade para despertar. Ou, para falar de uma forma mais concreta, uma chance de enfrentarmos juntos, por um segundo, nossa própria condição humana.

**Alejandro Rodriguez:** A meu ver, o sinal que indica que estamos indo na direção certa é quando o concerto termina e alguma coisa palpável muda no ambiente, há a sensação de que *algo foi feito aqui*.

As pessoas não sabem o que esperar. Ninguém nos conhece, não temos fama alguma. Somos apenas duas pessoas normais contando um tipo de estória e dançando. E então, pouco a pouco, coisas começam a acontecer. Às vezes é animado, outras vezes é um pouco sério. Outras ainda pode ser um pouco triste, e por vezes as pessoas se perguntam sobre o que estão fazendo ali.

Robin e eu havíamos acordado continuar seguindo em direção a uma terra desconhecida e evitar um lugar fácil e confortável. Você sabe, é claro que poderíamos ter organizado tudo com tambores, guitarras e outros instrumentos, a fim de fazer algo mais convencional. Mas, por hora, não sentimos essa necessidade. Se fizéssemos isso

agora seria como uma decoração. Por que então deveríamos decorar tudo a fim de normalizar isso que fazemos?

**Robin Gentien:** Se normalizássemos isso seria um grande erro. Perderíamos o que é precioso, embora não tenho a certeza de que, realmente, ganharíamos algo. As pessoas comentam constantemente sobre artistas famosos que fizeram algo comercial, ou, apenas para ganhar dinheiro. No entanto, nós realmente podemos imaginar a imensa quantidade de bandas que *vendem a sua alma ao diabo*, querendo obter dinheiro ou para se tornarem famosas, mas que nunca realmente conseguem alguma coisa com isso? Aliás, penso que seria pior: é parar de fazer o que realmente se sente que se deveria estar fazendo, e então moldá-lo para o público. E, em seguida, perceber que se formatou tudo errado. No nosso caso, por exemplo, isto é o que poderia acontecer, caso conseguíssemos um tambor e um baixo. Então nós teríamos uma grande banda, do tipo *como deve ser*. Neste caso, provavelmente, as pessoas viriam para nos ver em um show e então voltariam para casa dizendo “é, tudo bem, nada mal”, e, assim, nunca mais voltariam, porque não seria diferente das mil bandas que já viram. Logo, teríamos parado de fazer o que realmente queremos fazer, e ainda continuaríamos pobres!

**Alejandro Rodriguez:** Também devemos

considerar a possibilidade de que o diabo não nos aceitaria...

**Robin Gentien:** Bem, por ora, Alejandro e eu não vendemos nossas almas.

**Alejandro Rodriguez:** Certo, mas antes de vendê-la, temos de ter uma, não? Será que realmente temos uma?

## NOTAS

<sup>1</sup> Referência à obra de ficção *As Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. Segundo a fantasia da história, Laputa seria uma espécie de ilha voadora composta por uma base adamantina, utilizada por seus habitantes para realizar manobras em qualquer direção, através do recurso de levitação magnética.

---

\*ALEJANDRO TOMÁS RODRIGUEZ (Argentina) é ator licenciado em Teoria da Arte. Durante os últimos oito anos dedicou-se ao trabalho sobre o canto, a ação, o comportamento orgânico e a exploração do potencial humano dentro do ofício de ator levado a cabo no *Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards*. Alejandro tornou-se membro central da equipe do *Open Program*, grupo coordenado por Mario Biagini, Diretor



Associado do Workcenter. Suas capacidades criativas, bem como sua larga experiência de trabalho e sua relação artística e profissional com Mario Biagini o levaram a ensinar e a participar como seu assistente em numerosos programas de estudo de prestigiosas instituições de ensino em artes na Europa, Ásia e Américas: Stanford University, Yale University, York University, Shanghai Theater Academy, University of Toronto, Association de Recherche des Traditions de l'Acteur - A.R.T.A, New York University, TNB (Centre Theatral et Choreographique), entre outros. Alejandro desempenhou um importante papel na criação dos seguintes espetáculos produzidos pelo *Open Program*: I Am America, Electric Party Songs, Not History's Bones – a Poetry Concert, The Nightwatch, The Hidden Sayings. Hoje é diretor do programa de estudo e criação em artes vivas da Casa Talcahuano (Buenos Aires), assistido por Robin Gentien.

\*\*ROBIN GENTIEN (França) é músico. Fez parte da equipe do *Open Program* do *Workcenter of Jerzy Grotowski and Thomas Richards* entre 2013 e 2015. Ali conheceu Alejandro Rodriguez onde iniciaram uma fértil colaboração artística no campo da música e do teatro. Atualmente Alejandro e Robin estão trabalhando juntos em numerosos horizontes criativos pela Europa e América Latina, dentre os quais se destacam o concerto de rock *Engine* e o novo programa artístico e pedagógico sobre as artes vivas, no grupo de investigação Casa Talcahuano (Buenos Aires).

\*\*\* CHAVANNES PROCOPIO PECLAT é mestrando em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e bacharel em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Ator contratado pelo *Instytutem Im. Jerzego Grotowskiego* (Wroclaw - Polônia) no projeto *Dynamika Metamorfozy* (2012-2013). No Brasil, participou como ator em peças teatrais e produção áudio-visual. Pesquisador

CNPQ PIVIC/PIBIC (2010/2011). Atualmente é membro do grupo de pesquisa Música, Linguagem e Cultura (Musilinc).